

COMPREENDO o desagrado que a entrevista de Nara Leão ao «Diário de Notícias» de domingo passado causou no Ministério da Guerra. Eu mesmo fiquei chocado quando vi o título: «Esse Exército não vale nada». Sei, porém, como qualquer outro profissional de imprensa, que os entrevistados, mesmo quando têm o cuidado de rever suas declarações, jamais escolhem os títulos sob o qual a matéria vai aparecer. E que um título, mesmo quando não contenha basicamente uma infidelidade ao texto, pode produzir, pelo destaque especial gráficamente dado a uma frase, um impacto emocional ao leitor que o contexto da entrevista, por si mesmo, não provocaria.

Não estou aqui para defender as idéias da jovem cantora, nem a maneira pela qual ela as exprimiu. Segundo uma nota do «Correio da Manhã», um estudo realizado no Ministério da Guerra procurou fixar as «finalidades» da entrevista. Seria «promoção» na cantora, fortalecimento do MDB, aproveitamento político da insatisfação generalizada contra a alta do custo de vida? O autor dessa «Apreciação» não levou em conta, naturalmente por ignorá-la, a circunstância

O Processo de Nara

27.5.66
Rubem Braga

de que Nara não teve a iniciativa de dar a entrevista. Ela simplesmente foi procurada por um repórter que estava fazendo uma «enquête» sobre as eleições presidenciais e outros assuntos políticos do momento. Digo isto porque eu mesmo fui procurado em minha casa para responder a essa «enquête» e me lembro de que entre as perguntas feitas estava uma sobre anistia, outra sobre se o futuro presidente deveria ser civil ou militar e mais outras desse tipo. Fui mais prudente que a môça Nara: prometi mandar depois as respostas, e não mandei... Minha prudência, diga-se de passagem, foi puramente ocasional, e melhor se chamaria preguiça que prudência: tendo de passar alguns dias fora do Rio e deixar aqui alguns trabalhos para o jornal e as duas revistas em que escrevo regularmente, não me sobrava tempo nem apetite para redigir uma resposta.

Acho que este meu depoimento, que a redação do «DN» naturalmente confirmará, tira as declarações de Nara o caráter de coisa premeditada, de parte de um plano de auto-propaganda ou de finalidades políticas. Ela apenas respondeu ao que lhe foi perguntado. Disse o que pensava, com a desenvoltura própria de sua idade e sem as cautelas de um jornalista ou de um político habituado a medir o pêso das palavras. Processá-la por esse motivo me parece um erro.

Suas declarações, no fundo, exprimem apenas o sentimento de que as guerras são um flagelo, e de que a Humanidade muito lucraria se as somas monstruosas gastas na manutenção dos Exércitos e em carnificinas como essa do Vietnam fôsse usadas para o bem de todos os povos. Quê uma jovem sinta, pense e diga isso — nada me parece mais normal e salutar.

Não quero me alongar no exame do texto da entrevista, mesmo porque não sei se êle exprimiu perfeitamente o pensamento da jovem cantora. Acho apenas que as autoridades do Exército deveriam pensar melhor e desistir de um processo que será, na melhor hipótese, antipático e inútil.